

NEBULOSAS DO PENSAMENTO URBANÍSTICO

Modos de Fazer

Ricardo Trevisan (FAU-UnB)

Rita de Cássia Lucena Velloso (EA UFMG)

RESUMO GERAL

A Cronologia do Pensamento Urbanístico, após seus “Modos de Pensar”, coloca à mesa seus “Modos de Fazer”. Expressão que significa modos de agir e pressupõe um pensar em ato, uma ação que sabe-se um pensamento em toda sua potência crítica e, assim, em sua porosidade e capacidade de transmutação, à medida que experimenta métodos e se experimenta social e culturalmente.

Modos de Fazer que se aproximam do que Michel de Certeau chamou de “maneiras de fazer”, ou “artes de fazer”, no livro *A invenção do cotidiano*, relacionando-as às práticas, mas também aos modos de narrar e de caminhar, em particular, o narrar os espaços e o caminhar pelas cidades. Assim, distanciando-se nesse ponto inclusive de alguns de seus contemporâneos com os quais compartilha, entretanto, outras lutas epistemológicas, como Foucault, Bourdieu e Deleuze, Michel de Certeau trouxe para o primeiro plano as práticas sociais cotidianas em sua diversidade e seus escapes da disciplinarização. Não só o título dessa sessão herda desses esforços de Certeau, e de sua atenção para as culturas e, evidentemente, para os atores, suas ações e interações, como para uma compreensão da arquitetura e do urbanismo como práticas, que pressupõem culturas, modos de agir e de pensar. Michel de Certeau buscava entender a lógica dessas práticas ordinárias, dessas artes ou modos de fazer, a partir de uma longa tradição. Em *A escrita da História* (1982, p. 77), as práticas históricas são investigadas de forma detalhada, buscando compreender a história como uma operação complexa e, em particular, como uma operação historiográfica. “‘Fazer história’ é uma prática” insistia ele. Trata-se, portanto aqui, de compreender também a história como prática, como ação, como uma “arte de fazer”.

As apresentações dessa sessão buscarão evidenciar modos de fazer, ou seja, práticas e métodos de ação, por vezes bastante distintos, de um grupo de pesquisadores de cinco laboratórios de pesquisa brasileiros – Laboratório Urbano (UFBA), Laboratório de Estudos Urbanos (UFRJ), Laboratório de Estudos da Urbe (UnB), Cosmópolis (UFMG) e Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (UNICAMP) – que, malgrado muitas vezes o seu isolamento em seu trabalho cotidiano e de formação de estudantes, sabe-se parte de uma esfera pública que é tanto local quanto transnacional.

Certamente o que nos reuniu de início, em termos gerais, foi um duplo recorte de campos disciplinares, os campos da história e do urbanismo e, sobretudo sua interseção. Contudo, talvez, o que começou por aproximar-nos tenha sido o entendimento comum que tanto a história quanto o urbanismo são culturas e práticas. Nesses termos, são modos de agir que, ontem ou hoje, são também poéticas e saberes que se definem em consonância, tensão ou ruptura em um campo de experiências sociais acadêmicas, urbanísticas ou, simplesmente, urbanas. Em seu conjunto, todos os laboratórios de pesquisa, em maior ou menor grau, se debruçam sobre as condições contemporâneas, gerais e específicas, das cidades e das formas de vida coletiva e diferenciadas que as designam. Voltam-se, assim, para o passado, em um anacronismo até certo ponto consciente para questionar historicamente as visões ou teorias que contemplam a dimensão cidadina e urbana, sobre seus fins e propósitos; sobre os discursos que as sustentam; sobre as camadas que se sedimentam, mas também sobre as suas fissuras.

Na busca por questionar o próprio presente e criar parâmetros para sua leitura, interrogam, portanto, as ações, os sistemas ideológicos e os corpos de saberes que pretendem perpetuar, denunciar ou se mostrar atentos e críticos às próprias dinâmicas das cidades, às suas mutações sociais, culturais, materiais, tecnológicas ou, enfim, às suas assimetrias de diferentes gêneros e perfis. Suas reflexões, começando pelos temas tratados e suas formas de abordagens, estão, assim, impregnados dessa prática, do viver, no dia a dia, as cidades. Nestes termos, esta será uma sessão de diferentes métodos no qual se os modos de subjetivação e a subjetividade são o ponto de partida, e não poderia ser de outro modo, o que importa é o apagamento de si no respeito às vozes dos atores vencidos historicamente mas presentes nos objetos de estudo que são eleitos, nos corpos documentais dos quais cada qual se cerca, no esforço crítico de objetivação e, enfim, nas possibilidades de teorização.

São inúmeras, entretanto, as diferenças que marcam as práticas dos pesquisadores aqui reunidos, para além das próprias diferenças das cidades e contextos onde atuam: Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Campinas. Afinal o que esses contextos têm em comum como condições de possibilidade em seu fazer? Singularizam-nos ainda diferenças de geração e de condições de trabalho científico em um país onde elas não são insignificantes e que acabam imiscuindo em seus percursos.

Com suas práticas historiográficas multiformes, esse grupamento, melhor que qualquer outro exemplo, ilustra a própria ideia de *nebulosa*. É assim que vimos chamando, metaforicamente, as conformações dos grupos intelectuais, profissionais ou institucionais reconhecíveis e observáveis em mais de dois séculos de constituição das cidades como objeto de olhar, de discursos e de intervenções pelos urbanistas e pelo urbanismo. Pode-se dizer que como se aprendia nos antigos livros de primeiras letras, uma *nebulosa* é um conjunto de nuvens. Neste sentido, uma *nebulosa* é o que se chama um substantivo coletivo. Isto é, é um substantivo, usado no singular, mas que designa um plural. *Nebulosa* é assim uma forma que se identifica como única, mas é um conjunto formado por múltiplas e diferentes formas de névoas, por diferentes camadas de nuvens.

Contudo, não se trata de uma totalidade homogênea, constituída pela soma simples de partes em suas singularidades. É menos um espaço associativo do que um espaço

correlativo, se quisermos. Nas nebulosas as interações entre névoas contam muito. Se observam zonas de adensamentos, condensações ou esgarçamentos que, além do mais, podem ser grandes, pequenas, muito agrupadas, dispersas, infinitas. Por outro lado, conta também a simples leitura destas configurações e há, até mesmo, aqueles que nunca olham para os céus e, portanto, não as veem, embora sintam os efeitos, sobretudo, da luz, do sol, das tempestades, das sombras. Nebulosas dizem respeito a sujeitos entre si, mas também com seus objetos de estudo, seus conceitos, suas formas de abordagem. Uma nebulosa a ser melhor explorada por essa sessão e pelo Tomo II da obra *Nebulosas do Pensamento Urbanístico – modos de fazer*.

NEBULOSAS DO PENSAMENTO URBANÍSTICO EM TORNO DO MODERNO, DO POPULAR E DA PARTICIPAÇÃO: MODOS DE FAZER MUTANTES, ERRANTES, DESVIANTES

Paola Berenstein Jacques (FAUFBA)

Ao estudar a complexidade da circulação das ideias urbanísticas, nacional e internacionalmente, busca-se ressaltar as diferentes relações – a tensão sincrônica – estabelecidas entre elas. A partir do projeto comum à equipe de pesquisa da UFBA, desdobrou-se tal discussão em três “nebulosas do pensamento urbanístico”, articuladas entre si: uma, em torno do moderno; outra, em torno do popular; e uma terceira, em torno da participação, sendo que esses três campos de debate foram delineados a partir dos próprios pontos de inflexão anteriormente estudados. Ao trabalharmos as relações entre as diferentes ideias urbanísticas, percebemos que as nebulosas se formavam em torno dos maiores pontos de inflexão e, por vezes, agrupavam alguns pontos, numa espécie de condensação de ideias e tensões intelectuais. O que mais nos interessa entender é justamente a tensão sincrônica – e, por vezes, mesmo anacrônica – entre as diferentes ideias urbanísticas e, também, a sua capacidade de contaminação sistêmica e transgeográfica, com algumas condensações em nebulosas distintas ao longo do tempo. A principal preocupação nessa comunicação será compreender, de forma complexa, as críticas às ideias urbanísticas difundidas pelo movimento moderno, tanto de dentro do próprio campo do moderno, quanto pela crítica realizada em torno tanto da ideia do popular quanto da participação.

POR UMA HISTÓRIA INSCRITA NOS CORPOS E NA EXPERIÊNCIA: PRÁTICAS DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

Margareth da Silva Pereira (FAU-UFRJ)

Pensar por imagens e por metáfora – o “pensar por nebulosas” ou por “conjuntos de nuvens” – é uma forma de pensar que se contrapõe a uma ideia de conhecimento como uma posição teórica aplicada e que precederia, necessariamente, o agir. É evidentemente inspirada pela ideia de interação e redes, e mais que isso, de feixe de redes de sentidos, de interesses e de laços sociais. Contudo a ultrapassa ao se mostrar mais atenta tanto à

multiplicidade, diversidade, heterogeneidade e à mistura quanto às temporalidades e espacialidades movediças. Trata-se de uma forma de pensar situada e encarnada, porém movente, a partir da qual qualquer enunciado pode ser até mesmo elevado a uma teoria, a uma interpretação ou a um conceito, que só pode ser pensado desse modo como circunstanciais e contingentes. A comunicação tratará de apontar como pensar por nuvens é um pensar com o corpo entre corpos. É um pensar-corpo não com o que se contempla, mas com o que se experimenta, inclusive de maneira fantasmática ou como reminiscência fugidia, sobre a qual apenas se intuí a necessidade de alguma presença. Sejam elas a cidade e seus fragmentos ou os homens e seus planos, projetos e esperanças em sua enorme capacidade de controle e heresia.

PENSAR E FAZER POR ATLAS: UMA CRONOLOGIA, TRINTA E QUATRO MÃOS, QUATRO ARRANJOS DE CIDADE NOVAS

Ricardo Trevisan (FAU-UnB)

Ao delimitar o Brasil republicano como período fulcral, a pesquisa em curso intenta cartografar e historiografar os mais de 260 exemplares brasileiros já identificados nos últimos 130 anos. Mas, para além de um mero catálogo ilustrativo-informativo, almeja-se um material interativo, uma ferramenta de reflexão, de troca e de aprendizagem. Um atlas em que as mais distintas “nebulosas” façam-se capturadas, decifradas, associadas e registradas. Conquanto, antes de decifrarmos sua aplicabilidade, faz-se necessário contextualizar e situar nosso objeto, costurar os fragmentos dispersos e até aqui conhecidos, a partir da construção de uma – dentre outras – possível cronologia das cidades novas no Brasil. Dessa Cronologia, partimos para o *pensar* e o *fazer* por Atlas. Equipe de dezessete pesquisadores e jovens cientistas da FAU-UnB assumiu o compromisso de fazer as primeiras amálgamas dos exemplares de Cidades Novas já levantados. Nesse sentido, decidimos por trabalhar quatro dos seis atributos de cidades novas: desejo (empreendedor), tempo, projeto e necessidade (função). Das amostras de cidades novas, estabelecemos arranjos que geraram quatro narrativas distintas e capazes de enriquecer, à sua maneira, a historiografia da cidade e do urbanismo brasileiro.

“PENSAR A PARTIR DE EXTREMOS E AGRUPÁ-LOS”. PROBLEMAS DE HISTORIOGRAFIA E CRÍTICA DE INSURREIÇÕES URBANAS A PARTIR DO *CADERNO N DAS PASSAGENS*, DE WALTER BENJAMIN.

Rita de Cássia Lucena Velloso (EA UFMG)

A proposta do trabalho é, numa primeira parte, apresentar um método de pesquisa dos acontecimentos disruptivos no cotidiano das cidades (levantes, protestos, insurgências) desenvolvido a partir das categorias benjaminianas apresentadas no *Caderno N das Passagens*, intitulado *Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso*. Tais categorias,

formuladas a partir do agrupamento de fenômenos numa constelação, são os seguintes: imagem dialética, montagem, empiria delicada. A seguir, na segunda parte, o trabalho apresenta o desdobramento da pesquisa denominada Arquiteturas da Insurreição a partir de outros dois tópicos da filosofia benjaminiana: a tarefa da crítica e a tarefa do historiador materialista.

CIDADE, UMA HISTÓRIA PLURAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTORICIDADE E A COMPLEXIDADE DO URBANO

Josianne Francia Cerasoli (UNICAMP)

Considerada em termos históricos, a cidade se mostra decisivamente de modo plural: formação do campo de saber do urbanismo; ampliação e densificação de áreas urbanizadas; complexificação da questão urbana; aprimoramento dos mecanismos de gestão do espaço e da vida urbana; crescente demanda em termos de infraestrutura; especialização dos saberes técnicos e das profissões neles envolvidas; sofisticação dos debates técnicos e eruditos relacionados a cada vez mais diversificadas dimensões da cidade; crescente heterogeneidade na composição da vida urbana; reiterada tensão entre diagnósticos e projetos de cidade; são alguns dos elementos que permitem entrelaçar as dimensões históricas e complexas do urbano. Historicidade e complexidade são definidos nesta proposta como pontos de partida sobre os modos de pensar/fazer as pesquisas sobre o urbano. Entre as competências socialmente reconhecidas para tematizar o urbano, saberes como os do urbanismo assumem posição destacada na definição de modos de olhar-ver e intervir na cidade, no interior de debates e disputas. Ao acompanhar percursos de sua formação, discute-se o importante papel dos discursos sobre a cidade na formulação de diferentes concepções do urbano; o constante entrecruzamento disciplinar e a decisiva presença dos saberes eruditos e técnicos nas formas de problematizar a questão por meio da história urbana.
